

**Folha de S. Paulo – 01/11/2007**

**Para analistas, crise é de energia, não de gás**

Especialistas vêem pré-acionamento para evitar apagão e falta de planejamento do governo após redução da oferta

Setor de gás já vivia "acionamento branco", e solução via importação por navio esbarra na falta de plantas de regaseificação

ANTÔNIO GOIS

JANAINA LAGE

DA SUCURSAL DO RIO

A redução do fornecimento de gás no Rio e em São Paulo é a "crônica de uma crise anunciada", segundo especialistas. Para eles, mais do que um problema do gás, trata-se de uma crise de falta de planejamento do setor, e o limite imposto pela Petrobras é um pré-acionamento para evitar a ameaça de um apagão, como o de 2001.

Segundo Hélder Queiroz, professor da UFRJ, já existia, na prática, um "acionamento branco" de gás. "Se um grande projeto industrial precisasse de gás no Sul, a distribuidora não teria como atendê-lo. Qualquer demanda adicional já enfrentava restrição de oferta. Não tem plano nem prioridade e muito menos uma sinalização clara da demanda", disse.

Para Adriano Pires, do CBIE, a necessidade do produto só não foi mais destacada antes porque o setor elétrico estava usando as hidrelétricas. "Com a queda no nível dos reservatórios, [a limitação da oferta de gás] foi a maneira encontrada pelo governo para evitar apagão elétrico no curto prazo."

"A crise não é do gás natural, mas de energia, o que é muito mais grave. Não estamos na mesma situação de 2001, mas, se não chover o suficiente neste verão, teremos um problema sério. Como o cobertor é curto, acaba-se tirando de um setor para compensar o baixo nível dos reservatórios", diz Lucien Belmonte, superintendente da Abividro, associação da indústria de vidro e um dos setores que mais usam o gás.

O **Instituto Acende Brasil**, que representa investidores privados em energia, estima em 9% as chances de racionamento em 2008. "Não estamos dizendo que vai acontecer, mas conviver com esse risco é ruim para quem pretende crescer", diz **Claudio Sales**, presidente da entidade. Para ele, um dos componentes preocupantes no risco de racionamento é justamente a produção de gás natural. Problemas na Argentina, na Bolívia e um redimensionamento da capacidade de geração de energia em térmicas de gás natural no Brasil fizeram com que a oferta de energia firme -ou seja, com a qual se pode contar- prevista para 2008 fosse reduzida de 57 mil MW médios para 50,9 mil MW médios. "Devido a problemas no gás natural, num intervalo de dois anos [2005 a 2007] a oferta firme de geração do Brasil foi reduzida em 12%. Poucos países resistiriam a isso", reclama.

E ao mesmo tempo que enfrentava problemas de oferta, o consumo do gás subiu após vários incentivos. Esse é um dos fatores que explicam, na opinião de Belmonte, o fato de o Rio ter sofrido mais do que São Paulo com o racionamento.

"O Rio concentra a maior parte das térmicas, o que ajuda a explicar o fato de ter sido mais prejudicado. Mas há também um populismo energético que não foi equacionado. O consumo de gás pelos carros foi incentivado por meio da redução de IPVA e ICMS. São 700 mil carros a gás. O consumo foi subvencionado a partir de um item escasso", diz Belmonte.

Apesar das recentes crises na Bolívia, os analistas dizem que a falta de gás não tem relação direta com a instabilidade no país. "O contrato entre a Petrobras e a Bolívia se mantém inalterado, e os volumes previstos estão sendo cumpridos. O problema foi que, em razão da instabilidade política lá, houve a decisão de parar os investimentos para a expansão da produção", diz Ricardo Pinto, da consultoria Gas Energy.

Pires concorda. Em sua avaliação, de 2003 a 2005, a Petrobras priorizou os investimentos na obtenção da auto-suficiência de petróleo e deixou de lado a expansão da produção nacional de gás. Com a instabilidade na Bolívia, de onde a Petrobras importa 25 milhões de metros cúbicos/dia, a estatal interrompeu os planos de expansão. Somente agora começa a retomar negociações. "O consumo de gás vem crescendo a um ritmo anual de 18%. Não houve um aumento significativo da produção doméstica", diz.

Especialistas apontam que uma das maneiras de evitar um racionamento no próximo ano é a importação de GNL, importado por meio de navios. O problema é que ainda não existem plantas prontas de regaseificação do produto no Brasil. E a produção nas descobertas recentes da Petrobras no país só poderia entrar no mercado a partir de 2009.

